

## REALIDADE E FICÇÃO EM *CRÔNICA DE UMA MORTE ANUNCIADA*

JÉSSICA CATHARINE BARBOSA DE CARVALHO\*

**RESUMO:** Este trabalho apresenta alguns aspectos que levam o leitor a confrontar a realidade e a ficção no romance *Crônica de uma Morte Anunciada*, do escritor colombiano Gabriel Garcia Márquez, analisando as características do enredo e identificando pontos onde se pode confirmar a veracidade dos fatos apresentados, e o momento em que os artifícios literários são utilizados para compor a obra de forma fictícia, partindo de trechos que apresentam semelhanças entre o enredo da história e fatos reais colhidos pelo autor. Como embasamento, utilizam-se estudos de Saldivar (2000), Ferreira (2009), Coutinho (2008), entre outros. Evidencia-se o fato de que o autor, por meio dos artifícios literários, une aspectos ficcionais e reais, de forma que aproxima o seu trabalho como jornalista e como literato.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Crônica de uma morte anunciada*. Gabriel Garcia Márquez. Realidade e Ficção.

**ABSTRACT:** This work presents some aspects that lead the reader to confront reality and fiction in the novel *Crônica de uma Morte Anunciada* by the Colombian writer Gabriel Garcia Márquez, analyzing the characteristics of the plot and identifying points where one can confirm the veracity of the facts, and the moment when literary artifices are used to compose the work in a fictitious way, starting from passages that show similarities between the plot of the story and the real facts collected by the author. As a base, are used Studies of Saldivar (2000), Ferreira (2009), Coutinho (2008), among others. It is evident that the author, through the literary artifices, combines fictional and real aspects, in a way that approximates his work as a journalist and as a literary.

**KEYWORDS:** *Crônica de uma morte anunciada*. Gabriel Garcia Márquez. Reality and fiction.

---

\* Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras, na área de Literatura, na Universidade Federal do Piauí (UFPI).

*“A função da literatura é criar, partindo do material bruto da existência real, um mundo novo que será mais maravilhoso, mais durável e mais verdadeiro do que o mundo visto pelos olhos do vulgo”. Ora, criar um mundo mais verdadeiro implica que a arte não rompe sua relação com o mundo.*

(TODOROV, 2009, p. 66)

O autor da obra, Gabriel Garcia Márquez é escritor, jornalista, editor e ativista político colombiano, nasceu em 6 de março de 1927, em Aracataca. Recebeu o Nobel de Literatura de 1982 pelo conjunto de sua obra e é considerado um dos principais escritores do século XX. Tornou-se mais admirado principalmente através da obra *Cem Anos de Solidão*, publicada em 1967.

O livro *Crônica de uma morte anunciada*, publicado originalmente em 1981, conta a intrigante história do assassinato de Santiago Nasar, remontando tudo que ocorreu nas últimas horas antes do rapaz ser assassinado na porta de sua casa, em um pequeno povoado. Alguns elementos e trechos da obra nos fazem acreditar que, de fato, o assassinato de Santiago Nasar aconteceu e o narrador de toda a história parece ser o próprio Gabriel Garcia Márquez lembrando fatos de sua juventude. Podemos perceber isso através, por exemplo, do nome de algumas personagens que fazem parte da família do narrador como a mãe, a esposa, os irmãos e uma tia cujos nomes são homônimos aos dos familiares do autor da obra, e é isso que analisaremos mais atentamente.

Para um melhor entendimento, também é importante mencionar uma clara definição dos termos ficção e realidade antes de passarmos adiante. Aqui usamos as definições dadas por Afrânio Coutinho (2008) e Kate Hamburger (1975), para o crítico literário, a ficção

É uma transfiguração ou transmutação da realidade, feita pelo espírito do artista, este imprevisível e inesgotável laboratório. Ele coloca a massa da experiência de modo a fazer surgir um plano, que se apresenta como uma entidade, com vida própria, com um sentido intrínseco diferentes da realidade. A ficção não pretende fornecer um simples retrato da realidade, mas antes criar uma imagem da realidade, uma reinterpretação, uma revisão. (COUTINHO, 2008, p. 50)

Ao passo que, para Hamburger, a ficção é algo como um ponto de vista da realidade, já que é o mundo real e as vivências reais que são efetivamente o material da ficção, ou seja, realidade e ficção estão sempre relacionadas, mesmo que, em alguns momentos, de forma superficial ou diversa, mas encontrando-se através da linguagem.

Além disso, de acordo com a teórica, tornou-se difícil a conceituação de realidade, hoje geralmente identificada como aquilo que faz uma espécie de oposição ou confronto com a ficção ou com a criação literária. A ficção solicita uma suspensão voluntária da incredulidade. É necessário, assim, crer na verdade do texto literário para envolver-se na narrativa e permitir a fruição estética. É necessária a vontade de experimentar aquilo que lê.

Desde o título de *Crônica de uma morte anunciada* misturam-se realidade e ficção, afinal, a crônica, durante um longo período, foi um tipo textual que apenas narrava fatos históricos verídicos de forma cronológica. Somente a partir do século XIX ela passou a refletir a vida, os costumes e a sociedade de modo diferente, utilizando fatos do cotidiano e uma linguagem acessível com o objetivo de aproximar o público leitor. Por algum tempo foi considerada apenas um texto pertencente ao gênero jornalístico ou comumente relacionada a ele, mas, para Coutinho (2008), a crônica não tem como objetivo informar, assim, ela superou esta definição de tipo textual tipicamente jornalístico. O crítico diz que: “Para a crônica o fato só vale, nas vezes em que ela o utiliza, como meio ou pretexto, de que o artista retira o máximo partido, com as virtuosidades do seu estilo, de seu espírito, de sua graça, de suas faculdades inventivas.” (COUTINHO, 2008, p. 106)

Em *Crônica de uma morte anunciada* o autor conta, através do narrador em primeira pessoa, a história de Santiago Nasar, rapaz de 21 anos que foi assassinado às 7h:05mim da manhã de uma segunda-feira de céu sombrio e baixo do mês de fevereiro, não se sabe ao certo o ano. O narrador era um amigo da vítima e contou a história 27 anos depois do dia fatídico, após anos colhendo informações sobre o crime, que teria ocorrido após a acusação de que ele teria tirado a virgindade da personagem Ângela Vicário, que havia se casado há pouco tempo.

Todas essas informações podem ser encontradas ainda no início do texto, o que de forma alguma tira o suspense da narrativa, afinal, este item não se concentra em quem ou como mataram Santiago Nasar, e sim no porquê de ninguém ter conseguido avisar ao rapaz com real antecedência o destino que se aproximava. Além disso, outro ponto que chama a atenção do leitor é quem, de fato, tirou a virgindade de Ângela Vicária, já que boa parte do povoado não acredita que tenha sido Santiago Nasar.

A história é contada pelo narrador personagem, e o que podemos saber de início é que era um rapaz que tinha aproximadamente 20 anos e conviveu de perto com

Santiago Nasar durante grande parte de sua vida. Anos após o assassinato, o narrador começa a procurar fatos que expliquem de alguma forma o que aconteceu naquela segunda-feira, colhe depoimentos de importantes personagens que participaram da história e, além disso, tem acesso ao sumário em que foram feitas as anotações obtidas após o crime.

À medida que o narrador expõe os fatos, logo podemos perceber que a tragédia foi de fato anunciada, no entanto, por conta de uma série de coincidências funestas, Santiago Nasar é retalhado como um porco na porta de sua casa, possivelmente sem entender o motivo pelo qual estava sendo assassinado, pois assim que soube que o matariam suas atitudes não expressavam medo ou culpa, e sim uma espécie de desorientação que mostravam sua inocência.

O narrador procura reconstruir aquele dia com o máximo de verdade que lhe é possível, mesmo com as imprecisões que encontra nos relatos de algumas testemunhas, buscando a veracidade dos fatos colocando elementos que deem mais credibilidade, por exemplo, mencionando os horários em que tudo aconteceu, que vão desde às 4h:20min da manhã, quando acaba toda a farra posterior ao casamento de Ângela, e Santiago vai para casa, até às 7h:05min, hora em que Santiago Nasar é assassinado. Toda essa precisão no relato dos acontecimentos se torna mais um artifício utilizado pelo narrador para prender o leitor à medida que conta o desenrolar dos fatos, que se mostram sempre coerentes e bem montados.

O crime, segundo a história, ocorre em um pequeno povoado do Caribe colombiano e foi motivado pela acusação de Ângela Vicário, uma moça jovem, humilde e, de acordo com o narrador, com uma “pobreza de espírito que lhe auguravam um futuro duvidoso” (MÁRQUEZ, 2010, p. 43), que havia se casado na noite anterior ao crime, mas foi devolvida durante a madrugada por seu noivo Bayardo San Roman, após este descobrir que a noiva não era virgem. Ângela acusou Santiago Nasar de ter tirado sua virgindade. Após essa afirmação os irmãos da moça, Pedro e Pablo Vicário, foram atrás do rapaz com o objetivo de trazer de volta a honra perdida da irmã.

Na obra, há uma estreita relação entre realidade e ficção, de acordo com Eliane Galvão Ferreira (2009, p. 6) a história em que García Márquez se baseou ocorreu em Sucre, na Bolívia, e o escritor apenas relembra esses fatos relatando-os de forma que preserve a veracidade, mas também que exerça grande atração para o leitor. Assim, segundo Eliane Galvão Ferreira,

Alguns elementos do romance, como o assassinato, foram determinados pelo fato histórico, mas outros pertencem exclusivamente ao ficcional, à intenção do autor. Segundo Eco (1985, p. 56), a "resposta pós-moderna ao moderno consiste em reconhecer que o passado, como não pode ser realmente destruído porque sua destruição conduz ao silêncio, precisa ser reavaliado: mas com ironia e não com inocência" (FERREIRA, 2009, p. 9)

Garcia Márquez compõe a obra exatamente dessa forma: reconstrói o passado, utiliza-se de elementos característicos de textos jornalísticos, abusa da ironia e mostra que dessa forma é possível reconstruir fatos da realidade através da escrita literária. Ainda segundo Eliane Galvão Ferreira,

Na obra, a eleição das personagens expressa a dialogia entre ficção e história. Assim, algumas são criações do autor; outras, figuras históricas e outras, própria de lendas e crônicas medievais. Mesmo as que encontram referentes históricos caracterizam-se por serem míticas, definidas de forma incompleta ou obscura pela história e, justamente por isso, atraentes para o leitor. (FERREIRA, 2009, p. 14)

E, de fato, *Crônica de uma morte anunciada* traz alguns aspectos que lembram períodos provinciais ou mesmo medievais, tomemos como exemplo o fato de que o homicídio foi motivado pela busca da honra perdida de uma moça, e os irmãos Vicário, conhecidos em todo o povoado como pessoas de bom caráter, assassinaram Santiago Nasar e padeceram durante alguns dias a dor de terem tirado uma vida, apesar de reconfortarem-se com “a ilusão de haver cumprido com a sua lei”. (MÁRQUEZ, 2010, p. 104). Dessa forma, os culpados pela morte de Santiago Nasar não poderiam ser apenas os irmãos Vicário, mas também todas as pessoas do povoado que aprovavam aquela atitude como algo aceitável. É importante mencionar ainda a atitude da noiva de um dos irmãos, Prudência Vicário, que não só estava de acordo, mas não se casaria com ele se não agisse da forma como agiu. Por consequência da moral rígida da cidade, o defloramento de Ângela Vicário deveria ser vingado a qualquer custo, mesmo que o preço fosse o assassinato de um amigo.

Além disso, é interessante frisar as diversas alusões presentes no livro em relação à Igreja Católica, primeiramente, a encontramos no fato de que, no momento em que Santiago Nasar foi morto, supostamente caía uma chuva branda, pouco frequente naquele período do ano, o mês de fevereiro, lembrando assim o momento da morte de

Jesus Cristo. Há também a visita do bispo no povoado, um momento rápido, mas com muito alarde por parte dos moradores.

Na história oficial em que Garcia Márquez se baseou, em que podemos confirmar o quanto sua obra está assentada em sua vivência pessoal, o personagem que deu origem a Santiago Nasar, segundo Dasso Saldivar (2000), chamava-se Cayetano Gentile Chimento, amigo de García Márquez na juventude, que foi morto na porta de sua casa no dia 22 de janeiro de 1951. O assassinato foi motivado, assim como no romance, pelo defloramento de uma moça, Margarita Salas Chica, uma ex-namorada de Cayetano, antes que esta se casasse com Miguel Reyes Palencia, a quem estava prometida. O rapaz descobriu que a moça não era virgem e a devolveu para a família. Assim que os irmãos da moça descobriram foram atrás de Cayetano para matá-lo, encontrando-o na praça próxima a casa do rapaz. Cayetano foi morto pelo menor dos irmãos, Victor Manuel Chica, e não pelos dois ao mesmo tempo como conta a história escrita pelo narrador de *Crônica de uma morte anunciada*.

Garcia Márquez foi amigo de Cayetano Gentile e soube de sua morte através de uma carta de sua mãe, em que ela contou que ele havia sido morto por Victor Manuel e José Joaquim Chica Salas, como uma questão de honra, segundo nos conta Dasso Saldivar, autor do livro *Gabriel Garcia Márquez: Viagem a Semente* (2000). Nesse período, García Márquez estava em Cartagena com o pai e um dos irmãos cuidando da mudança que fariam dali a poucos dias. A mudança teria sido motivada pelo ambiente que tomou conta da cidade de Sucre, que a cada ano tornava-se mais violenta, além disso, um novo costume de alguns habitantes era revelar para o povoado inteiro alguns segredos através de pequenos panfletos que denunciavam muitas vezes uma “má conduta”, o que deixou o ambiente da cidade ainda mais insuportável.

Segundo Saldivar, um destes panfletos teria sido colocado por baixo da porta de Miguel Palencia denunciando que sua noiva, Margarita, não conservava a pureza esperada, o que teria motivado toda a tragédia. Na história fictícia escrita por García Márquez o bilhete teria sido entregue na casa de Santiago Nasar como forma de alertá-lo, mas ele não chegou a ter conhecimento do aviso, a mulher que entregou o bilhete o fez a Vitória Guzmán, empregada da casa de Santiago Nasar que conservava profundo desprezo pelo rapaz, não fazendo questão de entregar a ele o papel.

Trinta anos após o crime, em 1981, Garcia Márquez publica essa história preservando a essência do fato ocorrido, mas também utilizando a liberdade ficcional.

Um dos artifícios literários que o autor utilizou para compor a obra foi a troca do nome de alguns personagens de modo que os novos nomes se relacionassem com a personalidade de cada um, como exemplo, podemos citar Pura Vicário, mãe de Ângela, uma mulher muito religiosa e que, segundo o narrador, tinha um “aspecto manso e amargurado [que] disfarçava muito bem o rigor de seu caráter.” (MÁRQUEZ, 2010, p. 42). Outro nome que chama atenção é o de Cristóvão Bedoya, Cristóvão significa Portador de Cristo, amigo de Santiago Nasar, que o acompanhou até poucos minutos antes de Santiago ser assassinado. São em momentos como esse que o autor mostra sua capacidade criativa, que é expressa por meio do uso da ficção, mas com pano de fundo sustentado por fatos recolhidos de acontecimentos reais.

Outro artifício literário que o autor utiliza em sua obra é a composição de frases que provocam algum impacto no leitor, assim, Garcia Márquez une o jornalista e o literato construindo situações em que a linguagem que utiliza chama tanta atenção quanto a história em si. Exemplo disso é uma frase diversas vezes repetida no decorrer da narrativa: “Foi a última vez que o viu”, em que o narrador expõe ao mesmo tempo um fato ocorrido na narrativa e um sentimento de perda e tristeza vivenciado por diversos personagens ao verem Santiago Nasar pela última vez.

O momento em que o autor coloca a Literatura em seu aspecto de provocação ao leitor acontece quando afirma em toda a narrativa a dúvida em relação ao defloramento de Ângela Vicário, pois, apesar de Santiago ter sido morto, a dúvida persistiu e sempre intrigava o narrador, este afirma inclusive que o que mais assustou em todo o caso foi “não haver encontrado um único indício, nem sequer o menos verossímil, de que Santiago Nasar houvesse sido, de fato, o autor do agravo” (MÁRQUEZ, 2010, p. 131).

No entanto, Ângela, mesmo 23 anos após o crime, continuou sustentando a história que havia contado desde a primeira vez que a perguntaram, afirmando categoricamente ao narrador que Santiago foi o homem que tirou sua virgindade. No entanto, segundo Dasso Saldivar referindo-se ao fato histórico, na época em que o crime ocorreu na cidade de Sucre, boa parte do povoado tinha certeza que Cayetano não teria sido o autor do defloramento da moça, pois era de conhecimento de boa parte do povoado que o rapaz não foi o único a ter relações com Margarita.

Assim, Gabriel Garcia Márquez no livro *Crônica de uma morte anunciada* tanto utiliza-se dos fatos históricos ou uma realidade referencial quanto dos artifícios



literários e linguagem características desse gênero, no entanto, essa obra, apesar do título, possui a estrutura de uma novela ou romance, pertencente ao gênero ficção, dessa forma, García Márquez fez uma obra híbrida em que mais de um tipo textual se misturam.

Utilizando-se de diversos artifícios literários e de uma boa composição da narrativa, Garcia Márquez constrói a obra de forma que mantenha o interesse de quem lê e intensifique a relação entre o leitor e o texto. Na obra analisada, o autor consegue unir duas paixões, o jornalismo e a literatura, de forma que as duas complementaram-se. Retomamos aqui o conceito empregado por Afrânio Coutinho, que conceitua a ficção como uma reinterpretação da realidade de forma livre pelos escritores, criando assim um aperfeiçoamento da realidade, mantendo o aspecto de verossimilhança através da reinterpretação dos fatos reais.

Assim, na obra *Crônica de uma morte anunciada* (1981) realidade e ficção estão intimamente ligadas, mostrando-nos que uma obra literária não é composta apenas por criações imaginativas, e coube ao autor fazer a organização desses dois pontos. Por meio da história de Santiago Nasar, podemos perceber que a ficção é, retomando Kate Hamburger, um produto da imaginação e criatividade, mas que repousa sobre as experiências humanas, a realidade, e é por meio dos artifícios literários que ela se transforma.

Tratando-se de Gabriel Garcia Márquez torna-se importante considerar também sua experiência como jornalista, que a todo momento surge no modo narrativo de *Crônica de uma morte anunciada*, possibilitando, assim, a união entre dois trabalhos distintos do autor, mas que, utilizados em conjunto, formaram uma obra híbrida em que presa pela atenção do leitor ao texto.

## REFERÊNCIAS

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2008

FERREIRA, Eliana Galvão. **O papel do leitor na obra híbrida Crônica de uma morte anunciada, de Gabriel García Márquez**. Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas. Artigos da seção livre. PPG-LET-UFRGS, Porto Alegre, Vol. 05, n.01, jan/jun. 2009.



FUKS, Julián. **Crônica de uma vida habitada**. Disponível em: <[http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/index.php?apg=b\\_visor&pub=29&ordem=10](http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/index.php?apg=b_visor&pub=29&ordem=10)>. Acesso em: 13 jun. 2014.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Crônica de uma morte anunciada**. Trad. Remy Gorga Filho – 41ª Ed. - Rio de Janeiro: Record, 2010.

HAMBURGER, Käte. **A Lógica da criação literária**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975.

SALDIVAR, Dasso. **Gabriel García Márquez: Viagem à semente**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. – Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.